

Animação da escrita, histórias em emergência e “a cruel pedagogia do vírus”

ANA DA SILVA

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém

ana.silva@ese.ipsantarem.pt

Convite

Este escrito convida-te a descobrir o Projeto Vamos Cozinhar Histórias e a refletir, a partir da prática, sobre potencialidades da animação da escrita criativa em tempos de pandemia, propícios à proliferação de animações da leitura online e webinários que pouco promovem a desejável interação humana, ainda que a distância, ou processos de criação coletiva, ainda que no ciberespaço, assentes na crença de um mundo mais justo, mais inclusivo, solidário, criativo, mais lúdico, mais ineditamente viável face às crises e quarentenas permanentes. Um mundo que dê às crianças a possibilidade de serem monstros de todas as cores, ir lá onde vivem os monstros e, à noite, voltar para o seu quarto, mais bem preparadas para não ter medo de outros monstros bem mais terríveis e perigosos.

Palavras-sinal

Animação sociocultural, histórias, escrita criativa, livros, cozinha, vírus.

Invitation

This writing invites you to discover the Let's Cook Stories Project and to reflect, from practice, on the potential of creative writing cultural development in times of pandemic, favourable to the proliferation of reading of books online and webinars that barely promote the desirable human interaction, yet at a distance, or collective creation processes, although in cyberspace, based on the belief of a more just, more inclusive, solidary, creative, more playful world, more unprecedentedly viable in times of crises and permanent quarantines. A world that gives children the possibility to be monsters of all colours, to go where monsters live and, at night, to return to their room, better prepared to not be afraid of other monsters far more terrible and dangerous.

Signal words:

Socio and cultural development, stories, creative writing, books, cuisine, virus.

Advertência de perigo

À semelhança da palavra animação, a palavra empoderamento tem muitos significados e é bom que assim seja. À semelhança da palavra poder, a palavra escrita tem muitos sentidos, e é bom que assim seja.

Querer encontrar uma única definição para cada palavra é perigoso, pois pode significar limitar os poderes das palavras e os seus sentidos. Tentar reduzir todo um mundo de possibilidades que se entrecruzam numa teia de significados, por vezes caótica, pode significar reduzir o espaço de ação, reduzir ainda mais o espaço de uma cela de prisão, espremer o melhor de uma reflexão.

Querer encontrar uma única tradução de uma palavra numa língua estrangeira pode também ser perigoso, porque a excelência de uma tradutora não está apenas no domínio da técnica, talvez nem sequer na perfeição do domínio da língua. O domínio da técnica até pode afetar não só a fertilidade dessa profissional de tradução como o próprio feto a que dá luz. O mesmo se passa com uma animadora.

Querer encontrar uma ordem dentro de um caos pode ser coisa boa, sobretudo para cientistas, mas pugnar por comprimir a semântica e a sintaxe numa definição única e inequívoca poderá até ser perigoso. O mesmo se passa com a animação, que até pode ser 3D, que até pode

ser real, virtual, surreal. E a palavra real, em bom português, também significa arraial.

E, como mostra o Fantasma da Liberdade (Buñuel, 1974), é preciso espreitar para lá da objetividade, pois é no surreal que por vezes se encontra aquilo que tanto nos esforçamos por buscar sem jamais conseguir: a liberdade, uma vacina, a coragem, um antídoto, o poder, uma cama articulada, um cachimbo, um cachimbo que não é um cachimbo (Magritte, 1928-29), a paz, um pneu sobressalente, resiliência, um ventilador, criatividade, uma bata descartável, autoestima, uma máscara FFP3, solidariedade, uma viseira, escuta, umas luvas, uma palavra-sinal, justiça, um cobre-sapatos, esperança, um pastel de nata, espaço vital, uma touca, um euro, um banco para nos sentar, a felicidade que por vezes dói, que, com maiúscula, também significa o código de identificação de uma publicação científica.

Recomendações de prudência ao consumo e à revisão científica por pares

Este texto é um artigo científico que não é científico, como o tal cachimbo. É uma receita culinária que não é receita. Pode ser perigoso para o reconhecimento de uma revista conceituada. É um tomate

enlatado.

Este texto tem como objetivo ajudar as animadoras no cumprimento das suas missões decorrentes de estatutos e códigos de ética desenhados por profissionais, assentes em valores e convicções pessoais, decorrentes das suas múltiplas culturas - “conscientes” e “inteligentes” segundo a terminologia usada por Cembranos, Montesinos e Bustelo (2005, p.13) na sua definição de animação sociocultural.

Deverão estar cientes que não é nenhuma referência autêntica e que os respetivos conteúdos não constituem nenhum tipo de aconselhamento, permanecendo a respetiva utilização da responsabilidade exclusiva de quem lê. A autora não assume qualquer responsabilidade pelo uso que possa vir a ser feito dos conteúdos do presente escrito.

Última e mais importante advertência: neste texto, a autora optou pelo novo acordo ortográfico e pela utilização do feminino genérico, o falso neutro (Barreno, 1985) ao contrário. Por outras palavras, toma o seu direito à liberdade gramatical de usar exclusivamente o género feminino, que, por extensão, se aplica também aos seres humanos do género masculino e a todas as pessoas que se identificam com outros

géneros e todas as outras que não se identificam com nenhum até hoje identificado. Ou seja, usa no seu texto uma linguagem dita sexista.

1. O Projeto Vamos Cozinhar Histórias

O Projeto Vamos Cozinhar Histórias, desenvolvido por animadoras socioculturais da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, sob supervisão da autora do presente texto, em colaboração com a Divisão de Educação da Câmara Municipal de Santarém, envolveu, em 2011-2012, 978 crianças de jardins de infância e escolas do Município de Santarém. Inicialmente enquadrado numa Unidade Curricular de Oficina de Expressão Escrita da Licenciatura em Animação Cultural e Educação Comunitária, o Projeto teve como finalidade académica (na perspetiva da formação de animadoras) aprender a transformar uma atividade socioeducativa de escrita criativa numa atividade lúdica de criatividade coletiva, através da dinamização da participação e implicação das crianças (e, por vezes, familiares), professoras, educadoras, auxiliares de ação educativa.

Vamos Cozinhar Histórias está quase a fazer dez anos e funciona hoje em dia com estudantes da unidade curricular (UC) Educação Social e Animação com Crianças e Jovens, UC Metodologias de Animação

Sociocultural da Licenciatura em Educação Social, assim como da UC Técnicas de Animação de Crianças e Jovens do Curso Técnico Superior Profissional em Acompanhamento de Crianças e Jovens.

Quando a autora do presente texto propôs o Projeto à Câmara Municipal de Santarém, estava longe de pensar que hoje em dia pudesse continuar vivo. Trata-se de um daqueles projetos que, contrariando a teoria segundo a qual todo o projeto tem um “prazo de validade” (caso da grande maioria dos projetos financiados), continua a desenvolver-se e há de continuar enquanto houver animadoras socioculturais que se deixem contagiar pelo vírus da escrita criativa, professoras, educadoras sociais e de infância, psicólogas que o queiram experimentar e experienciar. Vamos Cozinhar Histórias tem abrangido uma média de 80 crianças por ano em contextos de ATL, Ludotecas, Bibliotecas, Museus, Escolas, Jardins de Infância, sem contar com todas as ações de cozinha e cozedura que se realizam com uma proliferação de aventais que contaminou Santarém e arredores, e muitos outros locais do país para onde as animadoras foram viver e trabalhar após a conclusão dos seus cursos.

Não usamos tecnologia para contar, nem rastrear os locais onde as animadoras cozinham histórias, com quem estiveram a cozinhar e

onde vão estar. Não são tomadas quaisquer medidas de contenção dos aventais, embora agora sejam necessárias medidas de prevenção da COVID-19, ainda não testadas, já que se encontram encerradas todas as instituições de cariz educativo e cultural onde se desenvolve o Projeto. Estas medidas, assim como o impacto que poderão ter nas pessoas participantes, serão objeto de reflexão no final do ano letivo 2020-2021.

A “cruel pedagogia do Vírus” (Santos, 2020) obriga a procurar, pensar e discutir alternativas para a convivência e sobrevivência das pessoas e do planeta: “imaginar soluções democráticas assentes na democracia participativa ao nível dos bairros e das comunidades e na educação cívica orientada para a solidariedade e cooperação, e não para o empreendedorismo e competitividade a todo o custo” (2020, s.p.).

A animação sociocultural, na sua dimensão tanto política, como educativa (como se se pudesse separar...), tem a responsabilidade de cuidar das causas e efeitos do invisível todo-poderoso, de múltiplos unicórnios que vão destruindo, de forma mais ou menos visível, a natureza e a vida humana. É responsabilidade das animadoras, tal como das “intelectuais”, não só escrever sobre o mundo, mas escrever com o mundo, reescrever um mundo em emergência. Para tal, não

basta ação cultural, social e educativa através da animação da leitura, que nem sempre faz das crianças pensadoras, mas tão só consumidoras da cultura que as animadoras escolhem para elas e por elas. Animar a escrita e para a escrita pode fazer das crianças fazedoras de cultura, dando-lhes mais meios para escrever e reescrever as suas vivências e sobre os seus medos, escrever e reescrever o que pensam sobre o mundo, reescrever o mundo. No caso do Projeto Vamos Cozinhar Histórias, pretende-se que se envolvam numa ação criativa conjunta para escrever uma história que é de todas, incluindo das animadoras. Pretende-se que possam ser as animadoras, com as crianças, não apenas a construir as histórias, mas a construir as suas próprias ferramentas para as cozinhar.

2. Pôr o avental e cozinhar histórias

As animadoras do Projeto Vamos Cozinhar Histórias podem ou não usar fatos de cozinheiras, mas era obrigatório, antes da pandemia, o uso de um avental. O avental das histórias “recomendado” contém 10 bolsos, mas elas têm liberdade de escolher reduzir ou aumentar o número de bolsos. Os bolsos estão feitos à medida da teoria do conto tradicional de um grande cozinheiro da teoria da literatura chamado Vladimir (Propp, 2003). A autora deste texto viu um avental parecido

há muito tempo, ainda jovem, num workshop de escrita, antes de ser animadora, muito antes de pensar ser professora de animação.

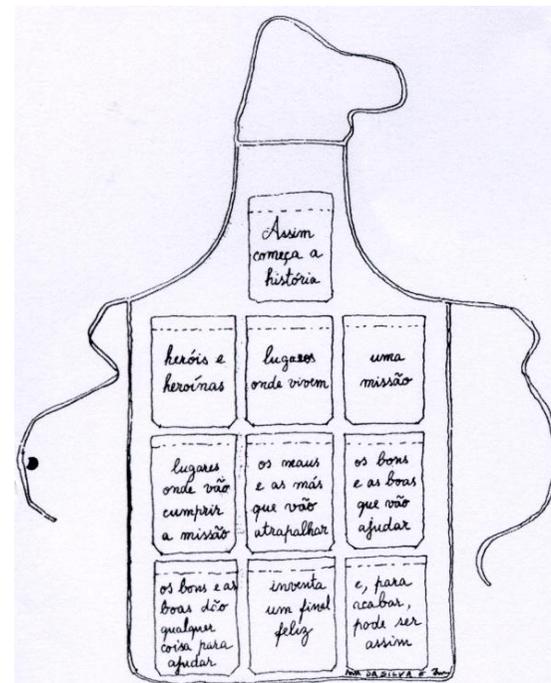


Figura 1-Avental das histórias

A forma, a arte e o sentido do cozinhar foram reinventadas e pouco se assemelham ao que outrora aprendera nesse workshop, se excetuarmos um avental com bolsos e cartões. Os próprios cartões mudaram muito e os ingredientes permitem escrever contos muito diferentes dos contos de fadas com príncipes e princesas que, no final,

tinham sempre muitos filhos e viviam felizes para sempre (com os filhos).

O avental pode ser construído pela animadora e/ou pelas pessoas que vão cozinhar, podendo assim o projeto criar oportunidades para que todas possam aprender a coser e a cozer. Uma vez criado o avental, a animadora usa-o para dinamizar a produção coletiva de narrativas, ou histórias, estórias, Histórias, istórias, como se quiser escrever, porque como nem toda a gente sabe é possível criar novas palavras que, no início, contam como erro de ortografia e depois entram para os mais conceituados guias de culinária, escritos pelas melhores chefes de cozinha do mundo, das melhores e mais conceituadas escolas como o Cordon Bleu, La Caja Cocina, a Associação de Cozinheiros Profissionais de Portugal ou a casa da minha avó.

O avental das histórias “não é lúdico em si, como aliás não o são nenhuns materiais didático-pedagógicos, nem sequer aqueles que designamos por jogos. É precisamente a prática da animação sociocultural em projetos como este que leva as/os animadoras/es a compreender que a criança pode participar no jogo sem se implicar, sem brincar, sem querer brincar. Tudo depende da capacidade de dinamização das/os animadoras/es, professoras/es, educadoras/es... e

da vontade e decisão das crianças, porque pode conseguir-se (por vezes mais, por vezes menos) que se tornem atoras e autoras deste brincar a cozinhar histórias. Por isso, a animação é tão fundamental.” (Catarino et al., 2013, p.413).

Com o grupo de pessoas sentadas em círculo, a animadora (que se movimenta no centro do círculo, usando o avental) vai pedindo às pessoas que retirem os cartões e os leiam em voz alta. No caso de crianças pequenas, os cartões podem ter imagem e texto escrito. No caso de crianças mais velhas, podem ter só texto escrito. Podendo fazê-lo, não costumam usar só imagem, porque se houver uma expressão por baixo da imagem, até um bebé se vai apercebendo que, em português, se lê da esquerda para a direita. E esta é uma das primeiras aprendizagens para, mais tarde, tomar a escrita como um poderoso equipamento de proteção individual (EPI) e um eficiente utensílio de criação (EUC), recriação e recreação do mundo, mais ou menos como ter a melhor panela de pressão à face de Júpiter: Rochedo Clipso, Vancouver Tramontina, Nigro Eterna, ..., sendo como nem toda a gente sabe o maior avanço tecnológico da Mulher do século passado, pois este aparelho economiza energia, dinheiro e tempo, garantindo (se a panela for boa) que a comida retenha todo o seu sabor

e nutrientes essenciais.

A partir dos conteúdos desses cartões, as pessoas vão cozinhando as suas histórias e vão aprendendo o que são histórias. É mais importante: vão aprendendo a escrevê-las. Aprendendo que uma história tem um número básico de categorias para poder ser uma história, que aquilo que se diz se pode escrever, até os palavrões, e que aquilo que se escreve se pode ler, até os diários secretos e os da República.

São as crianças (familiares, educadoras, pessoas convidadas) que retiram os cartões dos bolsos, à medida que a animadora se vai deslocando aleatoriamente dentro do círculo. São também as crianças que se levantam para ir colocando os cartões (ingredientes) no caldeirão, condimentando e cuidando do cozinhado, colocando ervas aromáticas, pimenta q.b., reduzindo ou aumentando a temperatura de cozedura, tapando e destapando o caldeirão (feito em pasta de papel). Estes detalhes são fundamentais porque contribuem para uma dimensão mais lúdica da ação sociocultural, sendo simultaneamente estratégias de promoção da participação ativa de todas as crianças do grupo. Quando se cozinha histórias com um grupo grande e todas as crianças querem retirar cartões dos bolsos, a animadora pode usar uma

colher de pau gigante (industrial) como objeto “mágico”, colocar-se bem no centro do círculo, rodar sobre si própria com os olhos fechados apontando com a colher para as crianças, parar em determinado momento com a colher apontada para uma das crianças, como se a escolha fosse aleatória e não uma escolha deliberada de uma criança, em detrimento de outra.

Neste Projeto de escrita criativa, tem de haver uma “escriba” cuja função é ir registando o que sai nos cartões e o desenvolvimento que o grupo vai dando àquilo que está escrito nos cartões. No caso do Pré-Escolar, são a educadora, auxiliar ou familiar da criança que “emprestam a mão” para registar a história, num caderno, no quadro, numa folha grande de papel de cenário, etc. Quando acaba de escrever-se, a história é lida de viva voz pela escriba. De seguida, procede-se à avaliação, através de observação participante e técnicas de educação não formal (tais como gráfico humano, semáforo, estendal de aventais, batata-carimbo com *smiles* de várias cores), a fim de apurar se as crianças se lembram das categorias da narrativa, i.e. ingredientes necessários à construção de histórias (o que representam e contêm os bolsos do avental), se gostaram da atividade, se todas participaram ativamente, se a história parece ser uma boa

história, se querem fazer ilustrações da história, se estão motivadas para a construção de um livro (coletivo) ou vários (individuais) com aquela e outras histórias.

As estudantes são encorajadas a fazer aventais diferentes, a confeccionar saias, macacões ou casacos com bolsos, e ainda todo o tipo de ferramentas, tais como tira-teimas (“Quantos queres?”) ou dados correspondendo às categorias acima mencionadas (um dado com personagens, um dado com lugares onde vivem, etc.). para criar histórias coletivas. Em tempos de quarentena, podem até nem usar avental.

Atualmente, as aulas no Zoom, fizeram disparar a criatividade de muitas estudantes, que optaram por aventais-armário dos seus quartos, por fogões-lareira das suas salas de estar, por uma Bimby das suas cozinhas, em vez de caldeirão e colher de pau.

No período de Estado de Emergência que resultou no fecho das escolas e ensino-aprendizagem a distância, foram realizadas atividades do Projeto Vamos Cozinhar Histórias, em modo síncrono, no Zoom, recorrendo a aventais costurados pelas estudantes e por elas manipulados a partir de casa:

- com familiares habitando na mesma casa e colegas da turma conectadas via Zoom;
- com crianças de Jardins de Infância e Escolas do 1.º Ciclo do EB, cada uma em sua casa, conectadas via Zoom;
- com jovens institucionalizadas, a partir da respetiva instituição, conectadas via Zoom com estudantes de animação.

No período de Estado de Calamidade, na sequência da reabertura dos jardins de infância, também se realizaram atividades do Projeto com grupos de crianças que se encontravam já presencialmente na instituição educativa, conectadas por Zoom. As educadoras de infância dispuseram as crianças em semicírculo sentadas no chão, à volta dum caldeirão e deram a cada criança uma colher de pau para que pudesse levantar-se e ir mexer o caldeirão, à medida que todas juntas iam construindo a história, escolhendo cartões do avental manipulado pela estudante de animação a partir de sua casa, que foi registando a história digitalmente, com pontual compartilhamento de tela, enquanto uma das educadoras desempenhou presencialmente a função de escriba, fazendo um registo manuscrito em papel.

Os ingredientes de base para a criação de histórias (i.e. cartões dentro

de cada um dos 10 bolsos do avental) podem ser os seguintes:

- **Assim começa a história** (tempo/fórmulas de abertura): “Era uma vez”; “No tempo em que os caracóis não andavam com a casa às costas”; “Nos tempos de antigamente”; “No tempo em que as bruxas andavam pelo céu montadas nas suas vassouras”; “No tempo em que as galinhas tinham dentes”, “Quando ainda havia vida no planeta Terra”, “Depois das pandemias que vieram a seguir”, “Nos dias de frio mais terríveis”, “No dia 24 de junho de 1128”, “Na altura do 25 de abril”, “Durante a quarentena”, etc.

- **Heroínas e heróis**: poeta, príncipe, sem-abrigo, rainha, marinheiro, morcego, aluna, justiça, controlador aéreo, torneira, refugiado, pilota, física nuclear, amolador de tesouras, campina, leão, joaninha, pescadora, mercador, pai, padre, gata, golfinho, árvore, vírus, pedra, ciclone, etc.

- **Lugares onde vivem**: castelo, rua, ventilador, casinha, computador, gruta, cidade, Reserva Natural do Paul do Boquilobo, galáxia, vírus, estrela TOI 700, botão, estação de metro, Botão, cotonete, tenda, Cotonu, ilhas Cocos, Antártida, Tirana, Lezíria, Abecásia, campo de pessoas refugiadas, Artsaque, etc.

- **Uma missão**: “encontrar um tesouro”, “organizar uma expedição à estrela TOI 700”, “arranjar sabão para lavar as mãos”, “procurar um príncipe”, “impedir o derretimento do gelo da Antártida”, “encontrar o marido que foi para a guerra”, “buscar o segredo de La Paz”, “arranjar uma erva que cura”, “descobrir uma vacina”, “dar a sopa à avó que tem Alzheimer”, “escrever um livro mágico”, “aprender guarani”, “libertar pessoas de uma prisão”, “descobrir a fissão nuclear”, “compor uma sonata italiana”, “decorar o alfabeto georgiano”, “ensinar o irmão a ler o calendário”, “ajudar a resolver um problema do bairro”, etc.

- **Lugares onde vão cumprir a missão**: prisão, ilha deserta, montanha, hospital, floresta, casa de banho, vírus, tribunal, colmeia, sanita, hospital, Farol do Bugio, cérebro, coração, Curaçao, eBookolândia, Sumalilândia, Serra da Estrela, campo de pessoas refugiadas, Micronésia, Rio Tejo, etc.

- **Os maus e as más que vão atrapalhar**: SARS-CoV-2, tirana, homem com cara de cavalo, poluição, serpente com rabo de galinha, dragão, lagartixa, monstro de sete braços, fome, bando de malfeitoras, terrível feiticeira, as 40 ladras, o Branco de Neve, o banco de neve, etc.

- **Os bons e as boas que vão ajudar:** soldada, pastora, gaibéu, boa velhinha, velha sábia, fada, justiça, fado, trapezista, liberdade, pássaro de mil cores, gato manhoso, ama, amo, enfermeiro, física nuclear, lobo ibérico, homem a dias, amor, astronauta, professora, etc.

- **Um objeto que vem ajudar:** flauta encantada, varinha mágica (tritador), máscara FFP3, pão, balestilha, sabão, kamal, anemómetro, água potável, cronómetro, sextante, chave que abre todas as portas, *google maps*, indicador de curva e derrapagem, indicador de maldade, telescópio, bússola magnética, seringa sagrada, frasco com poção mágica, novelo de ouro, chapéu que torna visível, erva que faz dormir, caneta-escudo, medidor de fadiga; termómetro, indicador de quantidade de combustível, indicador de ângulo de ataque, etc.

- **Um final feliz:** “casou-se e teve muitas filhas”, “não se casou e não teve filhos”, “escolheu ser feliz para sempre”, “morreu livre”, “comeu um livro e cresceu”, “apaixonou-se por um touro”, “travou o degelo na Antártida”, “abriu a prisão e salvou os presos”, “decidiu ser jardineiro e foi feliz até morrer”, “deixou o marido e passou menos mal”, “ganhou a lotaria e comprou umas lentes progressivas”, “ficou a cuidar da avó para sempre”, “salvou as abelhas”, “trocou o carro por

uma bicicleta”, “construiu pontes entre corações”, “deixou a cidade e foi viver à beira-mar”, etc.

- **E, para acabar, pode ser assim** (tempo/fórmulas de fecho): “Acabou-se o que era doce!”, “E depois e depois, foram-se as vacas e ficaram os bois.”, “E com pós de perlimpimpim, a pandemia chegou ao fim.”, “E agora vamos embora que está na hora de acabar a história.”, “Meu dito, meu feito, este conto saiu perfeito.”, “E foi assim que o vírus virou vira.”, Conto contado, livro fechado.”, “E os caracóis puseram os seus pauzinhos aos sóis.”, “Bendito e louvado está o conto acabado.”, “E depois disto tudo, ainda estás a ler este texto?!”, “E isto da pandemia ficou dentro da panela fria.”, etc.

As animadoras também podem usar um jogo chamado Dixit ou outro chamado A Arca dos Contos que também têm lá uns ingredientes para cozinhar histórias. Ou jogos como os Rory’s story cubes, ou descarregar da internet os cubos Histoires-au-cube. Também é bom, mas melhor ainda é elas fazerem a sua própria ferramenta. E muito melhor é elas, com as pessoas (crianças, famílias, profissionais de educação, etc.), fazerem a ferramenta que lhes servirá depois para criar e recriar as suas histórias e histórias que são suas. E, por vezes, as estudantes perguntam mais ou menos assim: “Isto não tem a ver com

aquela diferença entre consumo e produção cultural?”, “Isto tem a ver com “aquela diferença entre democratização e democracia cultural?” e a resposta é :“Isto tem a ver com animação sociocultural”.

No caso de se usar o avental com o mesmo grupo de pessoas mais do que uma vez, podemos, com elas, inventar conteúdos para fazer mais cartões para os diferentes bolsos. Basta usar uma vez para motivar as pessoas a criar o seu próprio avental e/ou os seus próprios cartões, sendo possível fazer aventais temáticos. Por exemplo, um avental só com cartões relacionados com artes circenses para escrever histórias de circo e sobre circo.

Segundo Kendall Haven (2007, 2009, 2014), não damos valor suficiente ao que se pode alcançar com envolvimento precoce de crianças e jovens em atividades frequentes de escuta, leitura, criação e redação de histórias, já que, para além de contribuírem fortemente para melhorar as competências de escrita de narrativas e de todos os tipos de escrita, contribuem ainda para desenvolver o domínio da linguagem oral, a compreensão do mundo, o pensamento lógico, a aprendizagem transversal das diversas disciplinas do currículo escolar, a memória, etc.

Crianças e jovens também têm mais oportunidades de falar e ouvir

falar sobre coisas de que não se fala ou de que ainda hoje não se pode falar, é difícil falar e/ou não convém falar, como quando se dá uma inesperada (para quem não usa o avental) conjugação de cartões tirados à sorte (entre os muitos que pode conter cada bolso). Por exemplo (da prática do uso do avental), quando do bolso das personagens é tirado o cartão com um herói homem marinheiro e, do bolso dos lugares onde vive, saem o cartão “rua” ou “estação de metro”, as crianças demoram a reagir, mas rapidamente se envolvem em discussões para encontrar um sentido, até que de repente há uma que diz: “se calhar é um sem-abrigo”.

Outro exemplo da prática: quando do bolso das personagens é tirado o cartão com um herói homem marinheiro e do bolso correspondente à sua missão, é retirado o cartão dizendo que ele que vai “procurar o marido que foi para a guerra”, ocorre o mesmo processo de sugestões, explicações, discussões e decisão quanto ao fio da meada. Como a situação parece impossível a algumas crianças, sugerem que o herói vá procurar o marido da sua filha.

Se a animadora optar (como eu quase sempre faço) por responder que o cartão não diz “procurar o marido da filha”, algumas crianças dizem que um homem não pode ter um marido. Hoje em dia (mas não em

2012 na fase inicial do Projeto), na maioria das vezes, são outras crianças a dizer que pode sim, um homem pode casar-se com um homem. Quando não são as crianças, as animadoras têm sempre a opção de esclarecer que sim, em Portugal, os homens podem casar com homens e as mulheres, casar com mulheres. E há crianças que têm duas mães e por isso não se deveria dizer “pais” quando nos referimos às suas mães (Da Silva, 2013). Acontece também, por vezes, haver alguma criança que acrescenta que os homens casados com homens até podem ter filhos. E então, nestas situações, perde-se um pouco o fio à meada, mas são oportunidades únicas para se falar daquilo de que não se fala ou pouco se fala no ATL e na escola que frequentam, ou até mesmo em suas casas.

Último exemplo da prática: um cartão como “travou o degelo na Antártida” ou “salvou as abelhas” não apresentam grande dificuldade, mas os cartões “não se casou e não teve filhos”, “morreu livre”, “comeu um livro”, “abriu a prisão e salvou os presos”, “deixou o marido e passou menos mal” não são assim tão fáceis de usar para escrever finais consensualmente felizes.

Estes aventais para criar histórias funcionam muito bem com crianças e anciãs. Com adolescentes e jovens, com mais ou menos idade,

podem ser usados casacos com cartões, dados e tira-teimas.

3. Ementa de pratos e sítios para apoiar a formação de cozinheiras da escrita

A autora do texto oferece abaixo uma ementa de pratos e sítios para aprender a questionar a rotina do dia a dia e o mundo que as outras pessoas escrevem por nós, para pensar alternativas, para experienciar o prazer e orgulho de escrever, saber escrever e reescrever muitos tipos de escritos, porque escrita criativa não é só feita de versos e nem só da poesia emerge a claridade... essa claridade que é preciso para tirar da quarentena pessoas que estavam e sempre estiveram em quarentena antes desta quarentena (nova quarentena e quarentena original segundo as palavras de Santos, 2020): as mulheres, as Mulheres, as trabalhadoras precárias e informais, as trabalhadoras da rua, as sem-abrigo, as moradoras nas periferias pobres das cidades e dos caniços, as internadas em campos de refugiadas, imigrantes indocumentadas ou deslocadas internamente, as deficientes, as idosas, as presas, as doentes crónicas e todas as outras. Não são categorias, são pessoas. Pessoas que “a cruel pedagogia do vírus” (Santos, 2020) torna menos invisíveis, mas não menos vulneráveis.

Como não é desejável explicar-vos tudo tim tim por tim tim, em jeito

de sobremesa, deixo então as amigas leitoras com alguns frios e semifrios que não falam por si, mas falam por mim:

Escrita de Histórias

Vamos Cozinhar Histórias (Da Silva & Zm, 2017)

<https://www.youtube.com/watch?v=LLZXINm1WYo&t=9s>

Escrita de histórias de vida

O Alfaiate do Coração (Da Silva & Zm, 2013)

<https://www.youtube.com/watch?v=biyZ47ziBM4>

Escrita de autobiografias

Escrever Textos Autobiográficos. Técnicas de Animação (Da Silva, 2010)

https://www.youtube.com/watch?v=Ojn_qzF54v4

Escrita de cartas

Cartas Extraordinárias a Bernardo Santareno (Da Silva & Zm, 2020)

<https://www.youtube.com/watch?v=WY7VqWOxgUI>

Escrita de texto dramático

Projeto Marionetas Solidárias. Criar e Animar Ecofantoches na Escola EB 2,3 Alexandre Herculano (Da Silva, A. & Zm, 2013a)

<https://youtu.be/e3E6zVZVZxA>

Projeto Marionetas Solidárias. Criar e Animar Ecofantoches na Escola EB 1.º Ciclo Salgueiro Maia (Da Silva, A. & Zm, 2012)

<https://www.youtube.com/watch?v=VtBuMggpY4s&index=45&list=UUusdoDVQ2L8iRzF4o29BBKsw>

Projeto Marionetas Solidárias. Criar e Animar Ecofantoches no Jardim de Infância de Almoester (Da Silva, A. & Zm, 2013b)

https://youtu.be/Q7Qwx_GyrvI

Escrita de livros

“Fazer livros na biblioteca da escola: melhor escrever e desenhar para melhor ler” (Da Silva & Soares, 2006)

http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_fazer_livros_biblioteca_b.pdf

Escrita de jornais

Jornal do Arrife, produção de jornais com crianças e jovens da Casa Pia de Lisboa - Colégios D. Nuno Álvares Pereira e Santa Catarina.

<https://youtu.be/aNREMnEnm9s>

E como eu acredito que as estudantes de animação também podem aventurar-se a participar em congressos científicos, desafio-as a apresentar comunicações ou pósteres, como o poster “Vamos cozinhar histórias: práticas de educação não formal num projeto socioeducativo de animação da escrita e da leitura” (Catarino et al., 2013, p. 413). E fico muito feliz quando, no final dos estágios, recém-licenciadas se aventuram a escrever artigos em revistas de animação, sobre a sua experiência em projetos de escrita, como o de Vanessa Ferreira, publicado na Revista *Práticas de Animação* com o título “Vamos cozinhar histórias: um projeto de animação, um passo para a criação”.

É verdade que podemos aprender a escrever com uma professora, uma animadora, ou até mesmo com o moço do rebanho, como me ensinou

o meu avô que era pastor e nunca foi à escola, mas aprendeu a escrever com uma criança que tivera a sorte de ter meios de ir à escola e a quem ele pagava para guardar as ovelhas. E as cartas, cheias de erros ortográficos, que o meu avô me escrevia no meio da sua pobreza foram a mais rica e preciosa aprendizagem que fiz sobre o poder da escrita. Uma frase escrita lá no meio das ovelhas, no meio do nada, despertou-me para o valor dos olhos, do coração, das cantigas de trabalho, das rimas e lengalengas, das narrativas populares. Sem o meu avô talvez nunca tivesse escolhido uma professora chamada Ana Paula Guimarães (1992). O mesmo se passa com alguns reclusos que, na prisão, nos dizem que uma única frase dita assim no meio do nada os faz sentir-se pessoas. E isso é uma grande aprendizagem para as animadoras.

Quando as estudantes me perguntam se pode haver atividades de animação pontuais e isoladas, sem estarem enquadradas em projetos de animação, a resposta é sim, sem dúvida nenhuma, porque a animação é muito mais do que um projeto, um programa, um plano. Em teoria, a unidade mínima de escopo e tempo (Cohen & Franco, 1993) para a ação social, cultural, educativa pode ser o projeto, mas, na prática, a unidade mínima na animação sociocultural poderá ser

uma atividade, uma frase, uma “partícula de Deus” escrita na pedra, ou mesmo um poema escrito numa situação única e pontual, que pode durar menos de uma hora (ou talvez muito menos). Porque um plano pode conter vários programas, cada programa conter vários projetos, cada projeto conter várias atividades, cada atividade conter várias tarefas, mas uma única frase (escrita ou dita) pode fazer alguém sentir-se pessoa. E uma única atividade de animação numa prisão, ou mesmo uma simples história de passagem, pode fazer (e faz com muita frequência) com que as Animadoras saiam do estabelecimento prisional (neste caso, exclusivamente de homens) a testemunhar a tomada de consciência de que os jovens reclusos são pessoas. E aprender que os reclusos não perdem a sua cidadania. E o mais inédito é que alguns reclusos também aprendem isso.

O número de votos antecipados da população reclusa nas eleições para a Assembleia da República passou de 675, em 2015, para 2 663 nas últimas eleições de 2019, segundo dados do Ministério da Administração Interna (SGMAI, 2019). E, neste EP específico, a evolução foi ainda mais inédita: o número de reclusos votantes nestas últimas eleições decuplicou, aliás, foi mais de dez vezes superior ao anterior. Uma única atividade em que se informa que podem e devem

votar, porquê e o que dizem ou não dizem os programas eleitorais sobre os reclusos, ou mesmo uma única frase dita ou escrita de passagem, sobre o direito a votar, poderão fazer a diferença entre um recluso continuar a não votar ou começar a exercer esse direito. E isto, amigas leitoras, será empoderamento? Isto é animação. É reescrever o mundo, ainda que uma ínfima, invisível e (in)divisível partícula do mundo, cada vez mais em emergência.

E sim, se um pobre ancião rico de um rebanho pode aprender a escrever com a criança que lhe guarda as ovelhas, qualquer pessoa pode aprender a escrever com uma animadora que está de passagem (Da Silva; Jardim, 2006) e teve a sorte de ir à escola aprender a fazer acontecer a animação sociocultural ou uma animadora que teve a sorte de frequentar “uma escola sociocultural” (Viché, 2015). E a animadora até pode dar erros de ortografia, como o meu avô Francisco, não pode é querer corrigi-los nos escritos das outras pessoas, porque a sua formação não é suficiente para que o possa fazer em segurança. Porém, à distância de um clique ou de uma prateleira, tem de ter sempre um dicionário e um prontuário, por ter a responsabilidade de rever os textos que escreve e dar apenas os erros que deliberadamente quer dar, mas também para empoderar as

pessoas para a revisão e correção dos seus textos, como se pode ver no filme *Escrever Textos Autobiográficos. Técnicas de Animação da Escrita* (Da Silva, 2010). E um instrumento de normalização linguística pode ser um poderoso EPI e/ou ECU tanto na animação da escrita como na animação da leitura. Um poder semelhante tem o tradutor Google que, embora muito falível, permite falar e escrever com pessoas refugiadas cujas línguas desconhecemos e que não falam a nossa. E, em escrita criativa, podemos brincar com sons de línguas que têm o dobro das vogais da nossa portuguesa língua e assim viajar bem longe, à volta do nosso quarto... ou da nossa cela. Deixo aqui um desafio a uma estudante minha para que escreva sobre um projeto de animação da escrita que atualmente desenvolve num estabelecimento prisional, com um nome fabuloso que juntas encontrámos a brincar com as palavras: LONGE_TÃO_PERTO. Com o estado de emergência e agora de calamidade, a sua presença passou de presencial a distância. Mas como se escreve com reclusos, a distância, em tempos de pandemia? Não é e-learning, nem b-learning, nem z-learning. Espero que ela não se limite a um relatório dos desafios de escrita que vai lançando aos reclusos, para obter uma classificação, e que, daqui a uns meses, aconteça um livro que passe de mão em mão na ala sul,

na ala norte, na ala centro e nas noutras alas todas. Um livro que possa ter alas e dar alas a quem mais precisa, a quem teve menos oportunidades e a toda a gente.

E quando a escrita criativa não ajuda os reclusos a esquecer as grades da prisão, porque é difícil esquecer a dor, a injustiça e a falta de oportunidades que muitas das suas vidas tiveram, pelo menos, possibilita um espaço de esperança que nem toda a gente compreende, como decerto compreendeu, em 2007, o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, que, em parceria com a Direção-Geral dos Serviços Prisionais, desenvolveu o Projeto A Cor das Histórias no Estabelecimento Prisional Regional de Setúbal (EPRS), para referir um exemplo local (a revista Medi@ções é do IPSetúbal, não é verdade?).

E foi assim que se escreveram uma carta a Cristo, uma receita de amor, uma viagem do Cairo a Alexandria..., como nos relatam jornalistas do JN Alexandra Marques e João Girão (2007), numa cadeia sobrelotada que “só” tinha 3% de detidos analfabetos, o que era muito bom.

Digestivo

Para ir digerindo as reflexões que possam surgir do acima exposto, devagarinho, sem precisar de enos, sonrisais e estomazis, importa dizer o fundamental para reduzir a acidez estomacal, aliviar arrotos e gases de quem mais precise: aprender a escrever e gostar de escrever implica aprender a pensar e gostar de pensar, mas também a fazer escolhas a partir das já referidas culturas conscientes e inteligentes. E, nisto, tive o melhor mestre que poderia ter tido: um grande escritor e editor, chamado Luiz Pacheco, que conheci nos anos 90 do século passado, em Setúbal, na Rua Camilo Castelo Branco, graças a um professor fabuloso chamado Álvaro Manuel Machado.

E o que me ensinou Luiz Pacheco (Da Silva, 1996b) de tão importante para qualquer animadora da escrita que queira mesmo empoderar-se a si própria e empoderar as pessoas com quem escreve?

- Não ter medo de desobedecer a chefes ou inimigos invisíveis, que (ab)usam do seu poder para pisar quem lhes faz frente.

- Não ter medo de desobedecer a decisões ainda que democraticamente tomadas por ilustres órgãos, conselhos e partidos, quando ameaçam a própria democracia, cada vez mais vulnerável às *fake news*.

- Não ter medo de processos disciplinares nem de perseguições políticas quando se trata de escrever para denunciar aquilo que não pode ser silenciado, como nos ensina Olympe de Gouges (que acabou guilhotinada), pois, nalgumas prisões, também nos podemos dedicar à cultura, à leitura e à escrita, como nos ensinam os escritos e a vida da poeta Marquesa de Alorna, que passou uma parte da vida na prisão.

- Não ter medo de contrariar convenções sociais, como nos ensinam as cartas de uma religiosa portuguesa, atribuídas a Mariana Alcoforado, outra mulher injustamente enclausurada num convento, por vontade materna e paterna, e posteriormente atribuídas a Guilleragues. Ao contrário de Rousseau, que apostava que as cartas dela tinham sido escritas por um homem, Sollers (2009), no seu prefácio de uma edição francesa das cartas, afirma: “Il y a encore des controverses sur les origines et l'authenticité de cette correspondance unilatérale. Je la tiens, moi, pour authentique, car aucun homme (et certainement pas le pâle Guilleragues) n'aurait pu aller aussi loin dans la description de la folie amoureuse féminine”.

- Não ter medo de promessas e de não as cumprirmos se elas forem a nossa perdição, nem ter medo de superstições quando elas nos tolhem, nem recear carrascas que nos querem queimar vivas, como nos ensina

o escritor Bernardo Santareno (1973), cujo centenário se comemora este ano (Lapa, 2020) e que nem toda a gente conhece, apesar de, com Gil Vicente, poderem ser grandes referências para quem se quer tornar Animadora da Escrita.

No outro dia, à mesa do paraíso, pareceu-me ouvir Fernando Dacosta (2020) dizer: “o que inibe não é o que corta, mas o que inibe de dizer”. Se tiverem mesmo esperança num mundo melhor ineditamente viável, as animadoras da escrita serão sempre uma ação subversiva e subversora (adjetivos usados por Dacosta para qualificar Santareno), intolerável para qualquer regime.

- Não ter medo de ter medo, porque somos monstros de todas as cores, como nos ensina Anna Llenas (2014), nem ter medo de ir lá onde vivem os monstros, como nos ensina Maurice Sendak (2009) em duas histórias que as nossas Mães nos deveriam todas ter contado.

Hoje muito boa gente tomou consciência que pode viver sem restaurantes, sem lojas de sapatos, sem ginásios, sem centros de saúde, sem galões e torradinhas com manteiga à porta de casa, sem muita coisa, mas é muito difícil viver sem amor, embora muitas pessoas consigam, como me ensinou um escritor chamado Dias de Melo (Da Silva, 2000). Passa-se o mesmo com a fome. Quando não se tem nada

que comer, sonha-se em matar um boi e comê-lo inteiro, come-se uma mão cheia de feijão, um naco de coco, e vai-se sobrevivendo, como me ensinou José Martins Garcia, um escritor com quem aprendi que se pode escolher ser feliz ainda que a nossa vida seja uma miséria (Da Silva, 1996a).

Passarinho é o nome do melhor médico ortopedista que conheço. Diz-me que não me opera com base em resultados de exames, só quando eu já não conseguir atar os atacadores. Ou seja, a intensidade das minhas dores e força da minha resiliência é que ditarão (ou não) as operações. E o mais incrível é que eu acredito nele.

Francisco é o nome do melhor professor de pilates que conheço. Diz-me, mas nunca escreveu, nem provou (ainda) que, de pouco mais de metro e meio, eu posso crescer a um metro e noventa, e que, contrariando todos os exames e relatórios médicos, nunca precisarei de ser operada à coluna, nem à bacia, nem a mais nenhuma outra parte do corpo. E o mais incrível é que eu acredito nele. E é esta réstia de esperança no inédito viável, no possível dos impossíveis, que há muito aprendi com Paulo Freire (1975, 1992) que me faz ter vontade de desenvolver projetos de animação da escrita em que escrevemos, por linhas tortas, mais algumas histórias terríveis e outras terrivelmente

maravilhosas, nossas e de outras pessoas.

E depois e depois, desinfetar as mãos, pés e coração, e escolher ser feliz... e livre, se puder ser.

Referências Bibliográficas

- Alorna, Marquesa de (1960) *Poesias*. Lisboa: Sá da Costa.
- Barreno, I. (1985). O Falso Neutro: um estudo sobre a discriminação sexual no ensino. [s.l.]: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Buñuel, L. (1974) *Le Fantôme de la Liberté*. [Filme] Duração: 104 min. Produção: Serge Silberman, Guião: Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière, Elenco: Adriana Asti, Julien Bertheau e Jean-Claude Brialy.
- Catarino, I.; Da Silva, A.; Galinha, R.; Spínola, C.; Raposeira, R.; Torres, C. (2013). “Vamos Cozinhar Histórias: práticas de educação não formal num projeto socioeducativo de animação da escrita e da leitura” [Poster]. In F. L. Viana, R. Ramos, E. Coquet & M. Martins (Coord.), Atas do 7.º Encontro Internacional de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração, p. 409-422. Braga: CIEC - Centro de Investigação em Estudos da Criança.
- Cembranos, F.; Montesinos, D. H.; Bustelo, M. (2005) *La Animación Sociocultural: una propuesta metodológica*. Madrid: Editorial Popular.
- Cohen, E.; Franco, R. (1993). *Avaliação de Projetos Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Dacosta, F. (2020). À mesa na Paraíso, com Bernardo Santareno. [Conferência via Zoom]. 16 maio 2020.
- Da Silva, A. (1996a). "A Felicidade é um relâmpago" – Entrevista a José Martins Garcia, Revista Ler. Círculo de Leitores, n.º 36, pp. 42-51.
- Da Silva, A. (1995). "A Maldição como Opção Fundamental" e "Ler para Crer. Uma Biografia de Pacheco", Revista Ler. Círculo de Leitores, n.º 31, pp. 85-87 e 88-95.
- Da Silva, A. (2000). "A Coragem de Dias de Melo". Suplemento Açoriano de Cultura do Correio dos Açores, n.º 104, p. 12.
- Da Silva, A. (2013). "Hygiène Verbale: l'usage du langage comme un choix politique, les politiques publiques et représentations, réactions et actions d'animateurs.trices par rapport au langage inclusif dans leurs contextes professionnels". In Jean-Luc Richelle, Stéphanie Rubi, Jean-Marc Ziegelmeyer (Coord.) *L'animation socioculturelle professionnelle, quels rapports au politique?* Bordeaux: Carrières Sociales Éditions.
- Da Silva, A. (2020). *Jornal do Arrife* [Filme]. Projeto de animação sociocultural com crianças e jovens da Casa Pia de Lisboa - Colégios D. Nuno Álvares Pereira e Santa Catarina, no Centro de Educação e Desenvolvimento Francisco Margiochi em 2007. Duração 7:14 min. Música: Dusty Hills Ketsa. Edição de Laura da Silva Soares, disponível em <https://youtu.be/aNREMnEnm9s>
- Da Silva, A. (1996b) "Luiz Pacheco", *Dicionário de Literatura Portuguesa*, organizado e dirigido por Álvaro Manuel Machado, Lisboa: Editorial Presença.
- Da Silva, A. et al. (2005). *A narrativa na promoção da igualdade de género. Contributos para a Educação Pré-Escolar*, 3.ª edição, Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Da Silva, A.; Jardim, S. (2006) "A Animação Sociocultural e Casa da Cultura: entre a oralidade e a escrita de histórias de uma freguesia". *Girão*. Revista de Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos, Vol II, N.º 2.
- Da Silva, A.; Soares, J. M. (2006) "Fazer livros na biblioteca da escola: melhor escrever e desenhar para melhor ler", in Viana, Fernanda Leopoldina; Coquet, Eduarda; Martins, Marta (Coord.), *Leitura, Literatura e Ilustração 6: Investigação e Prática Docente*. Coimbra: Almedina, 2006. ISBN 978-972-8952-11-2. Também disponível em: http://www.casadaleitura.org/portalpha/bo/documentos/ot_fazer_livros_biblioteca_b.pdf
- Da Silva, A. & Soares, Zmanel (2013). *Alfaiate do Coração*. [Filme] Duração 7:30 min. Música: Falcao; Benhamu, G. & Leadman, G.; Koenig, M., disponível em <http://zappiens.pt/Z2823>
- Da Silva, A. & Zm (2020) Cartas Extraordinárias a Bernardo Santareno. [Filme] Duração: 5:45 min. Imagem, produção e realização: Zm e Ana da Silva, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WY7VqWOxgUI>
- Da Silva, A. (2010). Escrever Textos Autobiográficos - Técnicas de Animação. [Filme] Duração 15:33 min. Imagem: CTec da ESE|IPSantarém, Rita Ferreira, Sara Domingos. Realização: Ana da Silva. Edição e Produção: CTec da ESE|IPSantarém,

- disponível em
https://www.youtube.com/watch?v=Ojn_qzF54v4
- Da Silva, A. & Zm (2012). Projeto Marionetas Solidárias. Criar e Animar Ecofantoches na Escola EB 1.º Ciclo Salgueiro Maia - Santarém. [Filme] Duração 9:17 min. Câmara: Ana da Silva e Zm. Realização e Edição: Zm. Produção: Ana da Silva, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VtBuMggpY4s&index=45&list=UUusdoDVQ2L8iRzF4o29BBKsw>
- Da Silva, A. & Zm (2013a) Projeto Marionetas Solidárias. Criar e Animar Ecofantoches na Escola EB 2,3 Alexandre Herculano - Santarém. [Filme] Duração 16:23 min. Câmara e Realização: Ana da Silva e Zm. Edição: Zm. Produção: Ana da Silva, disponível em <https://youtu.be/e3E6zVZVZxA>
- Da Silva, A. & Zm (2013b) Projeto Marionetas Solidárias. Criar e Animar Ecofantoches no Jardim de Infância de Almoester. [Filme] Duração 6:28 min. Realização: Ana da Silva e Zm. Câmara: Ana da Silva e Tânia Estrelita. Edição: Zm. Produção: Ana da Silva, disponível em https://youtu.be/Q7Qwx_GyrvI
- Da Silva, A. & Zm. (2017). Vamos Cozinhar Histórias. [Filme] Duração 4:00 min. Produção: Ana da Silva. Realização: Ana da Silva & Zm. Câmara: Ana da Silva; Edição: Zm. Música: Pitx. Santarém: ESES. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLZXINm1WYo&t=9s>
- Ferreira, V. (2012). Vamos cozinhar histórias: um projeto de animação, um passo para a criação. Revista Práticas de Animação. Ano 6, n.º 5, disponível em <https://docs.google.com/file/d/0BwkMI7wWB451SjIhUUVVUzcIemM/edit>
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento, 1975.
- Gouges, O. (2017) Pamphlets, épîtres, libelles, positions, propositions & autres. *Oeuvres complètes*, tome 3. Montauban: Cocagne Editions.
- Guilleragues & Sollers (2009). *Lettres d'amour de la religieuse portugaise*. Bordéus: Éditions Elytis.
- Guimarães, A. P. (1992). *Olhos, Coração e Mãos no Cancioneiro Popular Português*. [Lisboa]: Círculo de Leitores.
- Haven, K. (2009). Oh, yeah? Says who? *Storytelling Magazine*, Set./Out. 16-17.
- Haven, K. (2007). *Story proof. The science behind the startling power of story*. Westport, London: Libraries Unlimited.
- Haven, K. (2014). *Story Smart. Using the Science of Story to Persuade, Influence, Inspire, and Teach*. Santa Barbara, Denver, Oxford: Libraries Unlimited.
- Lapa, F. (2020). Mensagem do Dia Mundial do Teatro. Porque se escolhe ser dramaturgo. Consultado a 3 de abril 2020, disponível em: <https://centenariosantareno.blogspot.com/>
- Llenas, A. (2014). *El Monstre de Colors*. Barcelona: Editorial Flamboyant.
- Magritte, R. (1928-1929). Ceci n'est pas une pipe [Pintura] Los Angeles County Museum of Art, EUA.
- Marques, A. ; Girão, J. (2007). Escrita criativa ajuda reclusos a esquecer grades da prisão. *JN*, 22 abril. Consultado a 10 de

outubro de 2016, disponível em:

<https://www.jn.pt/arquivo/2007/escrita-criativa-ajuda-reclusos-a-esquecer-grades-da-prisao-668020.html>

Propp, V. (2003). *Morfologia do Conto*. Lisboa: Vega, 2003.

Santareno, B. (1973) *A Promessa*. [Lisboa]: Círculo de Leitores.

Santos, B.S. (2020). *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina. Também disponível em

<https://www.cpalsocial.org/documentos/927.pdf>

SGMAI – Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna (2019). *Eleição para a Assembleia da República - Informações e números sobre o processo eleitoral*.

Consultado a 10 de janeiro de 2020, disponível em

<https://www.sg.mai.gov.pt/AdministracaoEleitoral/EleicoesReferendos/AssembleiaRepublica/Documents/Relatório%20AR%202019%20-%20Informações%20e%20números.pdf>

Viché, M. (2015). *Una Escuela Sociocultural. La animación sociocultural en el contexto escolar*. s.l.: Edición Mario Viché González.

Nota curricular

Ana da Silva: Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém (ESE | IPSantarém) | Doutorada em Ciências da Educação - Intervenção Psicossocioeducativa, pela Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Vigo (Espanha) | Título de Especialista em Educação e Intervenção Não Formal: Animação Sociocultural e Formação de Animadores/as. | Mestre em Literaturas Comparadas, Portuguesa e Francesa, Séculos XIX e XX, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa | Maîtrise en Langues Vivantes Étrangères - Portugais, pela Universidade La Sorbonne-Nouvelle - Paris III | Licence en Langues Vivantes Étrangères - Anglais pela Universidade La Sorbonne-Nouvelle - Paris III | Coordenadora e Dinamizadora de diversos projetos de Animação Sociocultural, Educação Não Formal, Artes e Cultura (a nível local, nacional e internacional) | Animadora da Leitura e da Escrita. | Coordenadora da área de animação sociocultural do Instituto Politécnico de Santarém e do espaço Tertúlia. | Docente e Coordenadora de cursos na área da Animação Sociocultural na ESE|IPSantarém | Docente na área das línguas e culturas na ESE|IPSantarém | Cooordenadora da área científica Estudos e Projetos Socioeducativos do Departamento de Ciências Sociais e da área científica Educação e Intervenção Não Formal do Departamento de Educação e Currículo da ESE|IPSantarém. | Lecionou no Instituto Politécnico de Leiria, em cursos de licenciatura na área das línguas; e no Instituto Politécnico de Castelo Branco, em curso de mestrado, na área da animação sociocultural | Foi professora de Português, Português-Estudos Sociais nos ensinos básico e secundário | Tradutora e Intérprete.